

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Anna Flávia Menezes Moreira

Análise da violência urbana na América Latina - Aplicação do modelo logit

GOIÂNIA

2022

ANNA FLÁVIA MENEZES MOREIRA
MATRÍCULA 2018.1.0021.0041-1

**ANÁLISE DA VIOLÊNCIA URBANA NA AMÉRICA LATINA -
APLICAÇÃO DO MODELO LOGIT**

Monografia submetida ao curso de Bacharelado em Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharelado em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof^o Dr. Carlos Leão

ANNA FLÁVIA MENEZES MOREIRA

**ANÁLISE DA VIOLÊNCIA URBANA NA AMÉRICA LATINA -
APLICAÇÃO DO MODELO LOGIT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Data: 14 de junho de 2022

Resultado: Aprovada

Banca Examinadora

Orientador Prof^o Dr. Carlos Leão

Membro Prof. Gemar José Vieira

Membro Prof. Mauro César de Paula

GOIÂNIA

2022

RESUMO

O objetivo geral deste estudo é analisar a relação entre características de grupos de indivíduos e a experiência de insegurança urbana. Foi considerado que variáveis tais como: etnia, idade, sexo, confiança na polícia, afetam a probabilidade de os indivíduos experimentarem insegurança urbana. Os dados utilizados no estudo referem-se ao Informe Latinobarómetro de 2020 para a América Latina. Foi utilizado como modelos empíricos o modelo logit, dado que a variável dependente está sujeita apenas à presença ou à ausência de um determinado atributo são denominados modelos de regressão de variável dependente dicotômica, ou modelos de escolha qualitativa. Os resultados permitiram concluir que características definidoras da raça e sexo do indivíduo afetam a probabilidade de experiência de insegurança urbana.

Palavras-chave: Insegurança urbana, segurança urbana, modelo logit, violência urbana.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Análise Exploratória de Vitimas de Violência:	27
Tabela 2 Equação de Regressão Logit:	29
Tabela 3 Distribuição de Probabilidade por Categoria – Modelo Logit:	30
Tabela 4 Efeitos marginais do modelo logit – Segurança Urbana – Modelo Delta:	31
Tabela 5 Efeitos marginais do modelo logit –Segurança Urbana – Modelo Delta:	32
Tabela 6 Efeitos marginais do modelo logit – Insegurança Urbana – Modelo Delta:	33
Tabela 7 Efeitos marginais do modelo logit – Insegurança Urbana – Modelo Delta:	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Descrição das abreviações das variáveis usadas na especificação do modelo: 27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
1.1	PROBLEMÁTICA	09
1.3	OBJETIVOS	11
1.3.1	Objetivo Geral	11
1.3.2	Objetivos específicos	11
2	METODOLOGIA	12
2.1	Classificação da Pesquisa	12
3	REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1	Violência na América Latina	13
3.2	O modelo de Becker	14
3.3	Sentimentos gerados ao lidar com a insegurança pública na América Latina	17
3.4	Utilização da Base de dados <i>Latinobarómetro</i>	22
3.5	Modelo Logit	23
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
4.1	DADOS	27
4.2	RESULTADOS	29
5	CONCLUSÃO	35
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

A violência urbana atinge maioria da população e deixou de ser um problema apenas de cidade grande. Muitas capitais concentram cerca de 28% de todos os homicídios brasileiros, a criminalidade em cidades menores aumentou e com isso, surgiram novos desafios para o enfrentamento da gestão pública local (IPEA; FBSP, 2016).

A violência é um fenômeno complexo e multicausal, comparando a vulnerabilidade juvenil, a violência envolve diversas dimensões da vida do jovem: educação, trabalho, família, saúde, renda e desigualdade racial. Em ações realizadas pelas políticas de segurança pública na América Latina corresponde a uma resistência incomum à inovação, além de um apego à tradição muito consolidado, sendo isto parte do problema a ser enfrentado.

No Brasil, cerca de 6,8 milhões dos jovens (quase 14% do total deste grupo) não estuda nem trabalha (IBGE, 2015). Aliado a este problema aponta-se o componente racial cujo 2 de cada 3 vítimas de homicídios registrados no país hoje são afrodescendentes e 76% dos jovens são negros. Logo, o índice de jovem negro ser assassinado no Brasil é crescente superando 2,5 vezes a possibilidade de homicídio de jovens brancos (BRASIL, 2015).

Portanto, para a realização do estudo foi analisada a base da Latinobarómetro obtendo dados no período de um questionário o qual foi divulgado no ano de 2020 obtendo o total de 20.204 respondentes, os dados da pesquisa. Logo, os dados obtidos pela pesquisa são essenciais para colaborar com estudos futuros a auxiliar na solução de estratégias a cumprir desafios causados pela insegurança na América Latina.

1.1 PROBLEMÁTICA

O sentimento de insegurança urbana ocorre quando um indivíduo ou um grupo de pessoas se sente inseguro em determinado espaço urbano ou em alguma localidade, por qualquer motivo que seja real ou não. A noção de sentimento é abstrata, difícil de descrever com precisão, e varia no período, no tempo e na intensidade de pessoa para pessoa. Abrange influências internas (psicológicas) e externas (eventos no meio). Em resumo, em relação à insegurança, esta consiste na “idéia de que o perigo está em toda parte” (BAUMAN, 2009, p. 16).

Goes (1998; 2004; 2009) discute diversas ramificações relacionadas à violência, ao sentimento de insegurança urbana e à exclusão social, entre elas: a imagem da polícia, tal como ela influencia nas relações de cidadania e violência; a transição política no Brasil e seus desdobramentos, principalmente acerca das instituições de controle social, particularmente das penitenciárias; a presença das penitenciárias em cidades médias e pequenas e suas consequências na localidade; e o papel desempenhado pela mídia perante estes assuntos.

A epígrafe deste trabalho é produzir conhecimentos para aplicações práticas e reconhecer os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de atos ilícitos, a intuito de quebrantar a complicação da criminalidade. Para que um conhecimento possa ser acatado científico, torna-se indispensável reconhecer as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação (GIL, 2002; PRODANOV; FREITAS, 2013).

O presente trabalho busca responder a seguinte questão: “Quais variáveis relacionadas teriam maior impacto no sentimento da insegurança da América Latina?”. Com os dados obtidos utilizando o modelo logit foi possível obter os dados que visam compreender como o processo de violência pode interferir no sentimento de insegurança urbana e ajudar a compreender políticas socioeducativas a fim de solucionar este entrave enfrentado pela comunidade atualmente.

Para isso, utilizou-se um modelo logit onde a variável dependente assume valores que estabeleçam os dados. A diferença entre a regressão linear e o ranqueamento é, apesar de aparentemente sutil, de grande importância para a escolha do método de escolha ordenado, dado que uma regressão ordinária, neste caso, pecaria ao não considerar a natureza da variável dependente.

Além disso, para a estimação do modelo proposto, usa-se variáveis e parte-se da

suposição que algumas variáveis de controle se fazem necessárias. Sendo assim, há a inclusão de um vetor contendo características individuais, tais como, renda, situação de emprego, educação, sexo, estado civil, idade e tamanho da cidade em que vive.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Levantar as relações existentes da violência da insegurança da população e que forma a compreender como o processo de violência pode interferir no sentimento de insegurança urbana da população.

1.2.2 Objetivos específicos:

- Aplicar o modelo logit para identificar os sentimentos gerados pela violência a partir da insegurança;
- Auxiliar o desenvolvimento de novos estudos para solucionar atenção para os sentimentos gerados ;
- Analisar como estas questões podem ser abordadas com enfoque econômico, dispensando, teorias especiais de anomalia, inadequações psicológicas ou herança de traços especiais.

2 METODOLOGIA

Neste item serão apresentados a classificação da pesquisa, o local da pesquisa o método de coleta e análise dos dados para o desenvolvimento do trabalho com finalidade de atender aos objetivos definidos.

2.1 Classificação da pesquisa

O enquadramento metodológico consistiu em três tipologias de pesquisa:

- Pesquisa de Levantamento (*Survey*): este tipo de pesquisa objetiva descrever, explicar e explorar um fenômeno sob estudo se caracterizando pela indagação direta das pessoas objetivando conhecer como elas se comportam (MARKONI; LAKATOS, 2017);
- Pesquisa experimental, pois este tipo de pesquisa seleciona as variáveis capazes de influenciare definir as formas de controle e observação dos efeitos que as variáveis produzem no objeto em estudo (GIL, 2019);
- Pesquisa descritiva, pois o objetivo é proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo, abordando quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais, objetivando o seu funcionamento no presente (MARKONI; LAKATOS, 2017).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo apresenta-se uma revisão da literatura, que aborda as diferentes técnicas e os problemas que envolvem e que fornecem sustentação às lacunas nas quais esta pesquisa propõe-se a preencher. A seguir são detalhados os dados e o processo de amostragem e expostos o procedimento metodológico proposto. O capítulo 4, por sua vez, traz os resultados associados à estratégia proposta para redução da quantidade de parâmetros em modelos de escolha discreta e em seguida são apresentados os resultados referentes às calibrações clássicas do modelo logit para uma abordagem desagregada do sentimento gerado através da insegurança urbana. Por fim, o capítulo 5 discorre sobre as principais conclusões e considerações dos resultados obtidos.

3.1 Violência na América Latina

Embora a América Latina seja a região mais conectada em desenvolvimento, é também a mais violenta do mundo. O povo da América Latina está testemunhando uma verdadeira revolução. Quase metade da população da região tem acesso à Internet, que está se tornando rapidamente o maior produtor e consumidor global de mídia social. O crescimento econômico e as bases demográficas e socioculturais dos países da América do Sul e Central (incluindo México). Por outro lado, a América Latina também tem os mais altos níveis de violência organizada e interpessoal, a maioria dos agressores e vítimas são indivíduos com menos de 30 anos.

Como resultado, a violência nunca foi completamente excluído das relações políticas e sociais internas dos nossos países. Por outro lado, a retirada das tropas como fator de governança interna para focar em na defesa externa, como acontece em muitos países. O mundo enfrentou resistência ao longo dos séculos 19 e 20 e retrocessos na América Latina.

As respostas às crises de segurança variam. Por um lado, algumas medidas de reforme sistemas criminais contraditórios ou reformas policiais em alguns países.

Entre 2004 e 2014, a maioria dos países experimentou taxas de crescimento econômico anual próximas de 4%, ao mesmo tempo que registrou diminuição da pobreza. Os cidadãos também "estão mais saudáveis e alcançaram um maior nível de estudo".

Segundo Couto (2014), a criminalidade se relaciona a assaltos (furtos e roubos), homicídios, sequestros, tráfico de drogas, estupro, dentre outros. Logo, a maioria desses

delitos são encontrados atualmente na região da América Latina. O índice de violência contribui com sérias consequências aos cofres públicos como altos custos sociais, afetando indivíduos, famílias e a sociedade predominando um dos mais persistentes e caros entraves ao desenvolvimento e bem-estar social.

Os dados apontados acima estão relacionados com a percepção da insegurança pela sociedade, o que acaba gerando a modificação de comportamentos, redução da ocupação e utilização do espaço público que afeta a qualidade de vida de todos cidadãos. No ano de 2014, realizou-se uma pesquisa de opinião, onde 49.6% dos brasileiros consideravam crime, violência ou insegurança o maior problema do País (contra 36.9% em 2012), (LAPOP, 2015). Portanto, a pesquisa concluiu que de 1 em cada 3 adultos latino-americanos se sentia inseguro em seu País (LAPOP, 2015).

Desse modo, o estudo teve por objetivo analisar os principais fatores que geravam o sentimento de insegurança urbana da população. Logo, o diferencial do estudo foi que além de usar uma base de dados diferente (Latinobarómetro) a mesma utilizada por Corbi e Menezes-Filho (2006), favorecendo conclusões mais próximas das reais dos indivíduos brasileiros nos dias atuais. O estudo contou com a adoção de um modelo logit multinomial ordenado seguindo trabalhos como Blanchflower e Oswald (2000) e Frey e Stutzer (2004) por acreditar que o pressuposto de distribuição normal do termo de erro no modelo logit ordenado fosse mais passível de críticas.

3.2 O modelo de Becker

Muito embora o estudo do crime na economia contemple toda a forma de criminalidade, o modelo de Becker (1968) oferece compreensão na motivação dos indivíduos, acrescentando conhecimento para análise dos crimes de violência contra a mulher, estritamente ameaça, lesão corporal, e, estupro. A teoria de Becker (1968) defende que as escolhas dos indivíduos são realizadas de forma racional, sendo permeadas pelos benefícios ou custos que a prática ilegal oferece.

Becker (1968), defende que os indivíduos realizam suas escolhas sob incentivo econômico, através de escolha racional, mensurando os ganhos e perdas tanto dos setores legais quanto ilegais. Portanto, a escolha entre o indivíduo criminoso cometer um crime, ou, trabalhar em uma atividade legal, está relacionada ao comportamento racional da pessoa, a qual determina sua opção pela ilegalidade. Uma vez que o ambiente criminal passa a oferecer maior lucratividade, e, considerando que a probabilidade de condenação é baixa, o indivíduo acredita que os benefícios oferecidos ilegalmente são maiores do que

os alcançados legalmente (BECKER, 1968).

Atualmente, aproximadamente um terço dos homicídios do mundo ocorre na América Latina, apesar da região concentrar apenas 8% da população mundial com quase 60.000 assassinatos por ano, o Brasil responde sozinho por 11% do total global de homicídios. A maioria dos crimes ocorrem em zonas urbanas, onde 80% dos latino-americanos e 85% dos brasileiros residem. Nesse contexto, segundo o último ranking da ONG Mexicana Seguridad, Justicia y Paz, foi relatado que 41 das 50 cidades mais violentas estão mapeadas em países latino-americanos, sendo (42%), ou seja, 21 destas cidades sendo brasileiras (2016).

A escolha pela criminalidade, portanto, se dá a partir de uma relação de benefícios e custos, na qual os custos relacionados ao crime, como custo de oportunidade, custo moral e o custo de prisão, estariam relacionados com o acesso a educação e renda, sendo mais propensos à prática criminal aqueles indivíduos que não têm acesso a esses bens. Sendo assim, a formação moral dos indivíduos está relacionada com o ambiente onde cresceram e a maneira que foram educados, influenciando sua convivência social e afetando racionalmente suas escolhas (BECKER, 1968).

Baseando-se, então, na teoria de Becker (1968), em que o indivíduo realiza suas escolhas racionalmente, a escolha pela transgressão da lei vigente acontece se os benefícios superam os custos da atividade criminosa, levando o indivíduo a cometer crimes, economicamente classificados em lucrativos - roubos, furtos, etc; ou, não lucrativos como homicídios, ameaça, lesão corporal, estupro, entre outros.

O objetivo dos indicadores de criminalidade é mostrar a situação da segurança pública, e através deles, compor uma base para análises de dados, que será suporte à tomada de decisões, assim como para orientação na escolha para investimentos, e, também, no planejamento das ações policiais. No entanto, a falta de uma medida adequada dos retornos da criminalidade, o erro de medição nas taxas de crimes em função do elevado número de sub-registros, e a difícil mensuração da probabilidade de punição, estão entre as maiores dificuldades encontradas no estudo do crime (ANDRADE; LISBOA, 2000).

Oliveira (2008) afirma que a inexistência de estatísticas disponíveis com padronização e confiabilidade, para que se compreenda a dinâmica criminal, dificulta a elaboração de trabalhos científicos acerca da criminalidade.

Para Fernandez (1998) a análise econômica do crime está estritamente relacionada ao fator delito-punição, sendo esse o fator determinante da taxa criminal, uma vez que há

grande possibilidade dos benefícios da atividade criminosa compensarem o risco existente nos atos ilícitos.

As atividades ilegais afetam indivíduos de diferentes classes sociais, raças e idades. As chances de um criminoso ser descoberto e condenado podem variar dependendo de pessoa para pessoa e do tipo de crime cometido. Conforme exposto por Brenner (2001), o crime é considerado por diversos autores como o descumprimento de uma lei vigente na sociedade. As normas impostas pela sociedade definem se um ato é legal ou ilegal, e essa delimitação é o fator determinante para a quantidade de crimes cometidos na sociedade.

Cada vez mais recursos públicos e privados são gastos para prevenir crimes, mitigar danos e punir infratores. Segundo dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o Brasil, em termos nominais, é um dos países com os maiores custos decorrentes da criminalidade. A violência gerou um custo de US\$ 75,894 milhões ou US\$ 103,269 milhões em paridade de poder aquisitivo para o Brasil em 2014. Ou seja, 3,14% do PIB brasileiro, considerando a estimativa média. Como consequência do aumento da criminalidade, a população carcerária também vem crescendo exponencialmente. Entre 1995 e 2012, a população carcerária passou de 101,2 presos por 100.000 habitantes para 218,5 por 100.000 habitantes, ou seja, um aumento de 116%. Além dos gastos do setor público com o encarceramento, há que se considerar os custos decorrentes de impedir a população encarcerada de realizar atividades produtivas para a economia, os custos com o bem-estar das famílias dos presos e as consequências para o mercado de trabalho quando os presos saem do sistema prisional (CAPRIROLO; JAITMAN; MELLO, 2017).

Por mais que o crime seja um tema relevante para os economistas desde o século XVIII, o que se evidencia através dos estudos de Beccaria, Bentham e Smith (WYNARCZYK, 2000), apenas de Becker (1968) é que a criminalidade tem, de fato, incorporado ao escopo da análise econômica. Após o intrigante trabalho de Becker (1968) e o debate que se estabeleceu desde então, vários outros trabalhos surgiram, bem como a elaboração de um grande número de modelos econômicos, a fim de criar um campo próprio no âmbito da teoria econômica, estabelecendo as bases da economia do crime (CARRERA-FERNANDEZ; LOBO, 2005).

Becker (1968) identifica como um dos objetivos de seu estudo a busca pela formulação de um método que fosse capaz de medir a perda social gerada pelos crimes e encontrar os gastos e punições ideais que minimizam essa perda. A quantidade ideal de fiscalização, para o autor, depende de diversas variáveis, como custo de captura e

condenação, a natureza dos crimes e a resposta dos infratores às mudanças nas punições. Como segundo objetivo, Becker pretende analisar como estas questões podem ser abordadas com enfoque econômico, dispensando, por exemplo, teorias especiais de anomalia, inadequações psicológicas ou herança de traços especiais.

3.3 Sentimentos gerados ao lidar com a insegurança pública

Levantar as relações existentes da violência da insegurança da população e que forma a compreender como o processo de violência pode interferir no sentimento de insegurança urbana da população.

Entender os impactos da criminalidade, tem sido objeto de estudo de muitos artigos internacionais, os quais alguns têm se preocupado em analisar a percepção de insegurança da população (CARDOSO, et al., 2013), conforme adotado no presente trabalho. No Brasil, considerado um dos países mais violentos do mundo (NÓBREGA JÚNIOR, 2010), as estatísticas comprovam que este problema têm se agravado significativamente, ao longo dos últimos anos. Dados disponibilizados pelo Atlas da Violência 2019 revelam que, em 2017, houve 65.602 homicídios no Brasil, o que equivale a uma taxa de 31,6 por 100 mil habitantes. Trata-se do maior nível histórico de letalidade violenta intencional no país (CERQUEIRA, D. et al., 2019).

Somado a essa evolução das taxas de homicídios, há um maior sentimento de medo e insegurança da população (BEATO, 2010; WASELFISZ, 2011; ZANETTI, 2019). Nesse sentido, trabalhos apontam que a consequência do problema da vitimização do crime pode ser, entre outras, menor sentimento de segurança, porque a estrutura institucional falhou em prevenir a experiência traumática de uma vitimização do crime. A redução do sentimento de segurança, por sua vez, pode gerar impactos negativos para a economia e o bem-estar da sociedade (PLASSA; CUNHA, 2016).

Apesar disso, a relação entre crime e sentimento de insegurança permanece pouco explorada e testada empiricamente no Brasil e não muitos estudos têm se preocupado com o impacto que a sentimento de insegurança e o medo geram nas atividades cotidianas da população, principalmente a nível nacional, talvez uma das possíveis explicações seja a escassez da disponibilidade de dados.

Alguns dos trabalhos realizados se voltam para o efeito do medo na saúde pública, outros por sua vez, se preocupam com o impacto social e econômico que a insegurança pode gerar, dentre os quais se citam os processos migratórios da população, perdas econômicas e financeiras, e etc. (BEATO FILHO et al., 2010).

Sob essa perspectiva, Cardoso et al. (2013) assinalam que a natureza, o grau e as consequências do crime, incluindo o sentimento de insegurança, influenciam direta e indiretamente a qualidade de vida e o bem-estar da população.

Deve-se frisar, entretanto, que na literatura internacional não existe um consenso a respeito se a vitimização direta explica ou não o sentimento de insegurança, ou até que ponto existe uma correlação. Lewis e Salem (1981), por exemplo, atribuem a vitimização direta do crime como o condicionante básico do sentimento de insegurança. Contudo, outros autores argumentam que a insegurança não pode ser resultado apenas da vitimização direta e da taxa de criminalidade (GATES; ROHE, 1987; FARRALL et al., 2007).

A partir desse panorama, questiona-se: em que medida a vitimização direta do crime influencia positivamente o sentimento de insegurança do indivíduo no local onde reside?

Esse paradoxo também parte do fato de que grupos sociais com maior risco de vitimização, como por exemplo, homens e jovens, sentem-se relativamente menos inseguros, enquanto, por outro lado, mulheres e idosos, embora tenham as taxas mais baixas de vitimização criminal e menor probabilidade de serem vitimados, são relativamente mais inseguros (FARRALL et al., 2007). Muitos trabalhos internacionais desenvolvidos buscaram responder essas questões levantadas, bem como determinar quais fatores em geral influenciam o sentimento de insegurança.

Os resultados principais ainda indicaram que vitimização, vulnerabilidade, experiência vicária e condições da vizinhança são correlatos significativos da percepção de insegurança.

De acordo com Bennett (1990) a vitimização indireta, pode se dar através do conhecimento da ocorrência criminal, seja através de comunicação interpessoal ou por meio da mídia.

Warr (1984) examinou o porquê de mulheres e idosos sentirem-se mais inseguros, embora apresentem as menores taxas de vitimização criminal na cidade de Seattle em Washington. Os resultados revelaram que as diferenças de idade e sexo no sentimento de insegurança são em grande parte uma função da sensibilidade diferencial ao risco, o que significa que esses grupos sentem maior medo porque se percebem como sendo de alto risco.

Também, tal sensibilidade diferencial ao risco é uma função das diferenças relacionadas à idade e ao sexo na percepção da gravidade e natureza das ofensas. Assim,

partindo desse resultado, Warr (1987) analisou a percepção dos impactos da probabilidade de vitimização e da gravidade do crime no sentimento de insegurança. Para tanto, realizou um modelo de “sensibilidade ao risco” aplicado aos Estados Unidos com 500 participantes da cidade de Seattle.

Os resultados sugeriram que o grau do sentimento de insegurança depende não apenas da percepção do risco de ser vitimado, mas também da sensibilidade dos indivíduos ao risco, o que significa que a insegurança dependeria dos dois fatores em conjunto para ser gerada.

Corroborando com essa linha de argumento, Ferraro (1995) sugeriu que pessoas que se sentem em maiores desvantagens físicas (sexo, idade e saúde) e sociais (raça e status social) têm maior chance de se tornarem vítimas e, por isso, sentem-se mais inseguras. Sob essa perspectiva, alguns pesquisadores acrescentaram que o maior medo entre mulheres e idosos deve-se ao fato destes grupos possuírem menor capacidade de defesa em caso de ataque e levarem mais tempo do que a média para se recuperar de lesões físicas ou materiais (BAUMER, 1978; SKOGAN; MAXFIELD, 1981).

Os resultados mostraram uma relação positiva entre as variáveis. Além disso, apontaram que o fato de as mulheres, os mais velhos e os mais educados se sentirem mais inseguros, pode estar associado à atratividade, que é explicado pela crença de que a pessoa é um alvo atrativo para um potencial ofensor. E, a experiência de vitimização, direta ou indireta, pode fazer com que o indivíduo creia estar sempre sujeito a riscos.

Assim, o sentimento de insegurança no Brasil deve ser interpretado como uma resposta às crenças de perigo, as quais são mais intensas nas regiões Nordeste e Sudeste do país. Rodrigues e Oliveira (2012), utilizando dados da Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte-2002 e modelos multivariados, estudaram a influência de elementos estruturais, sociodemográficos, de integração social e percepção de desordem na avaliação do nível de insegurança e do risco de ser vítima de crimes em vizinhanças urbanas, verificando que a medida geral de insegurança é mais afetada por aspectos que transformam a percepção individual a partir de elementos como a integração social e a desordem física.

Silva e Beato Filho (2013) incorporam elementos relativos ao contexto da vizinhança às características individuais, numa análise para o município de Belo Horizonte a partir de informações de uma Pesquisa de Vitimização realizada, em 2006, pelo CRISP/UFGM, verificaram, a partir de modelagem linear hierárquica, uma relação positiva entre as mulheres e os mais velhos com o medo do crime.

Há uma linha de trabalhos que analisaram os determinantes do sentimento de insegurança no Brasil, utilizando os dados da PNAD 2009 (CARDOSO et al., 2013; PLASSA; CUNHA, 2016; SILVA CIRÍACO et al., 2018; ZANETTI, 2019).

Cardoso et al. (2013), empregando a estratégia de regressão logística binária, levando em consideração os pesos definidos pelo IBGE, analisaram os condicionantes individuais que influenciam a percepção dos brasileiros sobre sua sensação de segurança no domicílio, no bairro e na cidade, apontados como importantes para compreender os níveis do sentimento de insegurança.

Os principais resultados verificados por Cardoso et al. (2013), apontaram que no nível do domicílio sentem-se mais seguros os homens, os brancos, os casados, os de maior renda e os com nível de escolaridade até o ensino fundamental, em relação às mulheres, aos negros, aos pobres e aos indivíduos com grau de alfabetização abaixo do ensino fundamental, respectivamente. No bairro e no município, os fatores com maior coeficiente se repetem; no entanto, a variável renda apresenta um efeito inverso ao contexto do domicílio, e a condição de estado civil casado, não apresentou relevância estatística nestes dois níveis.

Resultados semelhantes são encontrados por Plassa e Cunha (2016). Analisando os fatores que aumentam a probabilidade de determinado grupo sentir-se mais inseguro do que outros no Brasil, através do modelo logit, indicaram que variáveis que representam vulnerabilidades socioeconômicas, físicas e geográficas mostraram-se estatisticamente significativas, no entanto, os resultados dependem do nível considerado na análise (domicílio, bairro ou cidade).

Ademais, o perfil da pessoa insegura no Brasil se caracteriza, em grande parte, por serem mulheres, não brancos, moradores de áreas urbanas e metropolitanas, com menor escolaridade e baixa renda per capita. E, a sensação de insegurança seria fortemente afetada pela vitimização direta. Silva Ciríaco et al. (2018), por sua vez, investigaram os determinantes do sentimento de insegurança no Ceará, também a partir do modelo logit.

A partir desse contexto de associação entre insegurança e violência, as reações referentes a isso envolvem cada vez mais práticas de transformações individuais e privadas como mecanismos de controle, “por isso, no que diz respeito ao âmbito do cotidiano, (...) influencia na construção de comportamento e vivências pautadas no medo e, por conseguinte, o sentimento de insegurança urbana” (ENDLICH; FERNANDES, 2014, p. 10).

Este sentimento de insegurança tem-se traduzido em significativas mudanças de

comportamento, fazendo com que as pessoas deixem de sair de casa ou evitem certas áreas da cidade, bem como passem a investir maciçamente em equipamentos de segurança pessoal e patrimonial. Grades, cercas elétricas, circuitos internos de TV, vigilância privada já são traços comuns das residências brasileiras (FRATTARI, 2009, p. 1).

O autor destaca, também, que tal influência pode alcançar e influenciar no incremento dos sistemas de segurança, particularmente com a fortificação das residências e, em alguns casos, na contratação de segurança particular. Além disso, há reflexos, também, no espaço público.

A insegurança contribui para a conformação de um espaço urbano fragmentado e marcado pelo medo. A violência produz uma cultura que enfraquece as práticas de solidariedade e que, em consequência, desorganiza a vida comunitária, disseminando valores bélicos e incivis, dificultando a sociabilidade, incentivando reações de rejeição e atitudes preconceituosas a partir da associação de imagens negativas de bairros e moradores, sendo que essas ofensas são entendidas como fraturas na sociedade e tendem a gerar sentimentos de receio, tornando a vida social difícil de ser vivida sem um sentimento de ser imprevisível (FRATTARI, 2009).

O crescimento do sentimento de medo e insegurança está ligado ao aumento nas taxas de criminalidade (CALDEIRA, 2000), mas também a difusão generalizada de noticiários sobre a violência realizada diariamente pela imprensa. A violência e a insegurança são questões que se apropriam de espaço significativo na preocupação da sociedade, se impondo no modo como a sociedade vive e se articula com os problemas de segurança. Porém, a sociedade não está exposta “apenas” à violência concreta, mas, também, ao fato de viver-se, constantemente, com um sentimento de medo, o que gera reflexões sobre o medo.

3.4 Utilização da Base de dados *Latinobarómetro*

Foi utilizado neste estudo os dados de pesquisas conduzidas pela organização Latinobarómetro no ano de 2020, para os países da América Latina.

Como é sabido pela comunidade de pesquisadores em opinião pública, o Latinobarómetro mantém seus dados mais atuais para uso exclusivo de sua rede interna de pesquisadores, o que é prática comum entre os principais institutos de pesquisa internacionais. Em razão dessa política de disponibilização de seus bancos, a última base

com acesso livre até o presente momento é a de 2021.

Devido à natureza dessas medidas, a análise multivariada foi realizada por meio de modelos de regressão logística binária, sendo especificados modelos para cada modalidade, levando em consideração os dados de cada país em separado e também para o agregado latino-americano.

No campo das variáveis dependentes, foi procurado selecionar aquela medida disponível que melhor representam as principais hipóteses explicativas mencionadas anteriormente. Sobre a hipótese do descontentamento, autores já mencionados como Gurr (1968) e Loveman (1998) defendem que as experiências de privação relativa dos indivíduos em condições desfavoráveis conduziriam ao envolvimento em modalidades alternativas de expressão das suas demandas e anseios, algumas delas de natureza contestatória. Para representar em nosso modelo essa afirmação, selecionamos quatro variáveis que se relacionam a distintas dimensões do descontentamento individual.

3.5 Modelo Logit

Visando a realização de testes econométricos, utilizou-se o modelo Logit. De acordo com Gujarati (2006) nesses modelos, a variável dicotômica é uma variável dependente do tipo dummy, que assume os valores 0 ou 1. Nesta pesquisa, o valor 0 (zero) indica que o entrevistado não foi vítima de violência urbana e o valor 1 (um) que o entrevistado já foi vítima de violência urbana. O modelo Logit consiste num modelo de escolha discreta baseado na probabilidade de o indivíduo fazer uma escolha a partir de características socioeconômicas e da atratividade da alternativa frente às outras (Ben-Akiva e Lerman, 1985; Domecich e McFadden, 1975). Por atratividade pode-se entender como a utilidade das diferentes alternativas disponíveis no conjunto de escolha.

Os modelos em que a variável dependente está sujeita apenas à presença ou à ausência de um determinado atributo são denominados modelos de regressão de variável dependente dicotômica, ou modelos de escolha qualitativa (Kassouf e Almeida, 2004). Utilizou-se como método de estimação o modelo logit, com o objetivo de examinar quais fatores são determinantes do sentimento de segurança ou insegurança da população latino-americana. De forma geral, o modelo é expresso pela equação (1) abaixo (Nelson, 1992):

$$P_i = \frac{1}{1 + e^{-(\beta_1 + \beta_2 * x_1)}} = \frac{1}{1 + e^{z_i}} \quad (1)$$

em que $P_i = E(Y = 1/X_i)$ representa a probabilidade de ocorrência do atributo e assume o valor de 1 para a presença e 0 para sua ausência. Essa equação pode ser reescrita, segundo Pindyck e Rubinfeld (1991), da seguinte maneira:

$$P_i = \frac{1}{1+e^{z_i}} = \frac{e^i}{1+e^{z_i}} \quad (2)$$

Essa Função é denominada função de distribuição logística acumulada e, para propósitos de estimação, pode ser expressa por transformação linear como:

$$L_i = \ln\left(\frac{P_i}{1-P_i}\right) = \beta_i + \beta_i * X_i + u_i \quad (3)$$

Nesse caso, $P_i / (1 - P_i)$ representa a razão de chances a favor da experiência da sensação de segurança contra sensação de insegurança; X_i pode representar tanto variáveis exógenas que teoricamente podem afetar a experiência de sensações de segurança e insegurança do indivíduo quanto variáveis de controle; β_i representa parâmetros a serem estimados; e u_i representa um termo de erro que atende aos pressupostos básicos do modelo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Assume-se que estudos relativos à sensação de segurança/insegurança da população sejam relevantes para o enriquecimento das discussões relativas à segurança pública, servindo para evitar um retrocesso nas conquistas dos direitos humanos e impedir o comprometimento das práticas democráticas nas instancias públicas vinculadas à gestão da segurança. Além disso, tais estudos podem contribuir para a adoção de medidas estruturais e pontuais, como o aumento do policiamento preventivo e da iluminação, criação de espaços coletivos que promovam a interação entre vizinhos, que minimizem o desconforto da população, melhorando o aproveitamento do espaço público e consequentemente a qualidade de vida.

O objetivo desse capítulo é apresentar os resultados obtidos em testes aplicados a um conjunto de variáveis que determinam as sensações de segurança e insegurança experimentadas pelas pessoas que residem na América Latina. Acredita-se que essas variáveis são úteis na aferição da percepção de risco pela população investigada, na apreensão de um possível desregramento social e na diminuição de interação social e para o aproveitamento do espaço público. As variáveis podem afetar a sensação de medo das pessoas testadas foram:

1. Idade;
2. Sexo;
3. Classe social;
4. Tamanho do habitat;
5. Raça

Além dessas variáveis, foram testadas outras, relacionadas à experiência concreta do indivíduo com atos de violência, o que, pressupõe-se, deve elevar de forma significativa a sensação de insegurança experimentada. Nesse sentido, foram introduzidos no modelo os seguintes argumentos:

6. Confiança na Polícia
7. Recebem menos do que deveriam receber pelo esforço que fazem: Mulheres
8. Quão justa é a distribuição de renda no país
9. Quão justo é o acesso à saúde
10. Quão justo é o acesso à justiça

11. Acredita que eles cumprem as leis: Os juízes
12. Garantias: Proteção contra o crime
13. Garantias: Oportunidades para conseguir um emprego
14. Durante as últimas semanas, você já se sentiu sozinho?
15. Com que frequência você se preocupa com a possibilidade de se tornar vítima de um crime violento?
16. Com que frequência você deixou de fazer atividades de trabalho ou lazer por medo de ser vítima de um crime violento?
17. Grupos de pessoas envolvidas em atos de corrupção: Juízes e magistrados
18. Piores expressões de desigualdade em seu país: Desigualdade antes da justiça
19. Piores expressões de desigualdade em seu país: no tratamento entre classes sociais
20. Classe social subjetiva
21. Com que frequência você ou sua família não tiveram comida suficiente para comer
22. Preocupar-se em ficar desempregado nos próximos doze meses
23. Você é um cidadão de Nacionalidade?

O estudo não propõe a especificar os fatores que provocam reações emotivas ou cognitivas da sensação de insegurança, nem sequer conceituá-las e diferenciá-las. Atém-se à avaliação de caracteres objetivos de mensuração, como idade e sexo, pois essas variáveis interferem no resultado, ainda que os entrevistados estejam expostos às mesmas condições objetivas de vulnerabilidade.

4.1 DADOS

Foi testado um conjunto de 23 variáveis que, teoricamente, determinam as sensações de segurança e insegurança experimentadas por 19.873 indivíduos que residem na América Latina.

Perguntou-se aos indivíduos entrevistados se sofreram em algum momento, algum tipo de violência. Espera-se que esta informação, acompanhada da introdução de variáveis relacionadas à experiência concreta do indivíduo com atos de violência deve elevar de forma significativa a sensação de insegurança experimentada pelo indivíduo. Nota-se, de acordo com a Tabela 1, que 6.193 indivíduos já sofreram com algum tipo de violência, representando 31,16% dos entrevistados.

Tabela 1. Análise Exploratória de Vítimas de Violência.

Dummy Vítima	Freq.	Percent	Cum.
Não	13,680	68.84	68.84
Sim	6,193	31.16	100.00
Total	19,873	100.00	

Fonte: Dados da Pesquisa

Quando algum atributo, cuja variabilidade se quer explicar, assume uma dentre duas categorias distintas, pode-se assumir como pressuposto, que as respostas sejam condicionadas pela presença de uma ou mais características individuais, o que torna adequado a utilização de modelos em que o regressando é binário.

O Quadro 1 apresenta a descrição das abreviações das variáveis utilizadas na especificação do modelo.

Quadro 1. Descrição das abreviações das variáveis usadas na especificação do modelo.

Variável	Nível da variável
VT	Vítima de Crime
TAMCIUD	Tamanho do Habitat
EDAD	Idade
SEXO	SEXO
P1ST	Grau de satisfação com a vida

P13STGBSB	Confiança na Polícia
P16NA_05	Recebem menos do que deveriam receber pelo esforço que fazem: Mulheres
P19STA	Quão justa é a distribuição de renda no país
P19NC	Quão justo é o acesso à saúde
P19ND	Quão justo é o acesso à justiça
P23N_03	Acredita que eles cumprem as leis: Os juízes
P47STJ	Garantias: Proteção contra o crime
P47STM	Garantias: Oportunidades para conseguir um emprego
P53N	Durante as últimas semanas, você já se sentiu sozinho?
P65ST	Com que frequência você se preocupa com a possibilidade de se tornará vítima de um crime violento?
P66NPN	Com que frequência você deixou de fazer atividades de trabalho ou lazer por medo de ser vítima de um crime violento?
6P71STM_07	Grupos de pessoas envolvidas em atos de corrupção: Juízes e magistrados
P75NPN_05	Piores expressões de desigualdade em seu país: Desigualdade antes da justiça
P75NPN_09	Piores expressões de desigualdade em seu país: no tratamento entre classes sociais
S1	Classe social subjetiva
S2	Com que frequência você ou sua família não tiveram comida suficiente para comer
S3	Preocupar-se em ficar desempregado nos próximos doze meses
S21	Você é um cidadão de Nacionalidade?
Draça	Dummy para raça
Dargentina	Dummy para Argentina
Dbrasil	Dummy para Brasil
Dchile	Dummy para Chile
Dmexico	Dummy para México
Duruguai	Dummy para Uruguai

Fonte: Informe Latinobarometro 2020

4.2 RESULTADOS

Na Tabela 2 são apresentados os resultados obtidos por meio da análise de regressão logit, onde todas as variáveis de mostraram significativas. A coluna 1 dispõe de variáveis utilizadas na especificação do modelo; a coluna 2, a estimativa dos coeficientes obtidos a partir da regressão; as colunas 3,4,5 e 6 apresentam, respectivamente, os erros padrão das estimativas, a estatística de Wald, o nível de significância e o exponencial β . Segundo Cipriano e Brandt (1983) e Gujarati (2006), em modelos em que o regressando é binária, a qualidade do ajustamento, medida pelos coeficientes de determinação, é de importância secundária. Isto significa que a categoria de referência ou base é a 0 pessoas que já foram vítimas de atos de violência contra sua integridade física.

Tabela 2. Equação de Regressão Logit

. * Regression					
. reg \$ylist \$xlist					
Source	SS	df	MS	Number of obs = 19873	
Model	515.058915	28	18.3949612	F(28, 19844) = 97.39	
Residual	3748.02366	19844	.188874403	Prob > F = 0.0000	
				R-squared = 0.1208	
				Adj R-squared = 0.1196	
Total	4263.08257	19872	.214527102	Root MSE = .4346	

VT	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
TAMCIUD	.0218432	.0014818	14.74	0.000	.0189387	.0247476
EDAD	-.0019399	.0001927	-10.07	0.000	-.0023176	-.0015621
SEXO	-.0399525	.0064217	-6.22	0.000	-.0525395	-.0273654
P1ST	.0229362	.0074579	3.08	0.002	.0083181	.0375543
P13STGBSB	.0062109	.0034283	1.81	0.070	-.0005088	.0129305
P16NA_05	.0167301	.0068237	2.45	0.014	.0033551	.0301051
P19STA	.0064874	.0041899	1.55	0.122	-.0017252	.0147
P19NC	-.0066596	.0043001	-1.55	0.121	-.0150881	.001769
P19ND	.0069441	.0043821	1.58	0.113	-.0016451	.0155334
P23N_03	.0181863	.0080129	2.27	0.023	.0024804	.0338922
P47STJ	.0137832	.0037256	3.70	0.000	.0064807	.0210857
P47STM	-.0456515	.0218688	-2.09	0.037	-.0885162	-.0027867
P53N	-.0570362	.0064789	-8.80	0.000	-.0697353	-.044337
P65ST	.19184	.0076945	24.93	0.000	.1767582	.2069218
P66NPN	-.0321417	.0022252	-14.44	0.000	-.0365033	-.0277801
P71STM_07	.0152661	.0028205	5.41	0.000	.0097377	.0207945
P75NPN_05	.0129378	.0046084	2.81	0.005	.003905	.0219706
P75NPN_09	.0206121	.007636	2.70	0.007	.0056449	.0355793
S1	-.0085272	.0033776	-2.52	0.012	-.0151476	-.0019067
S2	.0357424	.0064779	5.52	0.000	.0230453	.0484396
S3	-.0032133	.0014658	-2.19	0.028	-.0060863	-.0003402
S21	.0445343	.0263082	1.69	0.091	-.0070319	.0961005
DRaça	.0310925	.0082495	3.77	0.000	.0149229	.0472621
Dargentina	.2218845	.0152048	14.59	0.000	.1920819	.2516871
DBrasil	.032293	.0137612	2.35	0.019	.0053198	.0592661
Dchile	-.0250189	.0142268	-1.76	0.079	-.0529046	.0028667
Dmexico	.153726	.0133995	11.47	0.000	.1274619	.17999
Duruguai	.0890481	.0144034	6.18	0.000	.0608162	.1172801
_cons	.2089191	.0284532	7.34	0.000	.1531484	.2646897

Fonte: Dados da pesquisa

Assim sendo, a variável dependente que vai de 0 até 1, sendo que os valores da escala aumentam com a elevação do sentimento de insegurança. Isto significa que a elevação de valores dos regressores com sinal positivo provoca aumento da probabilidade do indivíduo se tornar vítima. Os valores dos coeficientes das variáveis utilizadas no modelo indicam que a insegurança urbana aumenta com a elevação dos valores das seguintes variáveis: TAMCIUD, P1ST, P13STGBSB, P16NA_05, P19STA, P19ND, P23N_03, P47STJ, P65ST, P71STM_07, P71STM_05, P71STM_09, S2, S21, Draça, Dargentina, Dbrasil, Dmexico, Duruguai. A variável TAMCIUD que se relaciona o tamanho do habitat, seu sinal positivo indica que quanto maior o número o tamanho, maior é a probabilidade de experiência insegurança urbana. Neste caso, o sinal positivo da variável P1ST indica que pessoas com o grau de satisfação com a vida mais elevado a possuem uma probabilidade mais elevada de se sentirem inseguras.

Deve-se observar que a variável dependente considerada neste estudo é uma variável ordenada que toma os seguintes valores: 0 – não vítima ; 1 – vítima. Por outro lado, como no caso dos regressores binários, a categoria de referência e que, portanto, assume valor zero, é aquela que propende o indivíduo a não experimentar insegurança urbana. Assim, se foi adotado como hipótese que indivíduos de etnia negra ou parda são mais vulneráveis a experimentarem insegurança urbana, então o sinal positivo do coeficiente indica que os dois atributos se relacionam positivamente e se deslocam na mesma direção.

Tabela 3 - Distribuição de Probabilidade por Categoria – Modelo
Logit

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
VT	19873	.3116288	.4631707	0	1
plogit	19873	.3116288	.1643698	.0091959	.8953603
pols	19873	.3116288	.1609932	-.3106405	.9009569

Fonte: Dados da pesquisa

A tabela 3 apresenta a distribuição de probabilidades associadas a cada valor possível de nível da variável dependente: Vítima ou Não Vítima. Assim, se considerarmos a totalidade dos indivíduos que experimentam algum tipo de restrição de acesso a segurança o problema assume considerável gravidade, dado a natureza da questão e se

ainda considerarmos o contingente de milhões de indivíduos que compõem a população latinoamericana.

Tabela 4 – Efeitos marginais do modelo logit – Segurança Urbana –
Modelo Delta

	Delta-method					[95% Conf. Interval]
	dy/dx	Std. Err.	t	P> t		
TAMCIUD	.0218432	.0014818	14.74	0.000	.0189387	.0247476
EDAD	-.0019399	.0001927	-10.07	0.000	-.0023176	-.0015621
SEXO	-.0399525	.0064217	-6.22	0.000	-.0525395	-.0273654
P1ST	.0229362	.0074579	3.08	0.002	.0083181	.0375543
P13STGBSB	.0062109	.0034283	1.81	0.070	-.0005088	.0129305
P16NA_05	.0167301	.0068237	2.45	0.014	.0033551	.0301051
P19STA	.0064874	.0041899	1.55	0.122	-.0017252	.0147
P19NC	-.0066596	.0043001	-1.55	0.121	-.0150881	.001769
P19ND	.0069441	.0043821	1.58	0.113	-.0016451	.0155334
P23N_03	.0181863	.0080129	2.27	0.023	.0024804	.0338922
P47STJ	.0137832	.0037256	3.70	0.000	.0064807	.0210857
P47STM	-.0456515	.0218688	-2.09	0.037	-.0885162	-.0027867
P53N	-.0570362	.0064789	-8.80	0.000	-.0697353	-.044337
P65ST	.19184	.0076945	24.93	0.000	.1767582	.2069218
P66NPN	-.0321417	.0022252	-14.44	0.000	-.0365033	-.0277801
P71STM_07	.0152661	.0028205	5.41	0.000	.0097377	.0207945
P75NPN_05	.0129378	.0046084	2.81	0.005	.003905	.0219706
P75NPN_09	.0206121	.007636	2.70	0.007	.0056449	.0355793
S1	-.0085272	.0033776	-2.52	0.012	-.0151476	-.0019067
S2	.0357424	.0064779	5.52	0.000	.0230453	.0484396
S3	-.0032133	.0014658	-2.19	0.028	-.0060863	-.0003402
S21	.0445343	.0263082	1.69	0.091	-.0070319	.0961005
DRaça	.0310925	.0082495	3.77	0.000	.0149229	.0472621
Dargentina	.2218845	.0152048	14.59	0.000	.1920819	.2516871
DBrasil	.032293	.0137612	2.35	0.019	.0053198	.0592661
Dchile	-.0250189	.0142268	-1.76	0.079	-.0529046	.0028667
Dmexico	.153726	.0133995	11.47	0.000	.1274619	.17999
Duruguai	.0890481	.0144034	6.18	0.000	.0608162	.1172801

Fonte: Dados da pesquisa

É possível observar ainda na Tabela 4 que a variável sexo mostra que os homens sentem mais segurança urbana que as mulheres, logo, as mulheres estão mais dispostas a experimentar violência urbana devida vulnerabilidade.

Analisando a variável DRaça, foi adotado como hipótese que indivíduos de etnia branco-amarelo se sentem mais seguros que pessoas de raça negra ou parda, que são mais vulneráveis a experimentarem insegurança urbana, então o sinal positivo do coeficiente indica que os dois atributos se relacionam positivamente e se deslocam na mesma direção.

As tabelas de 5 a 7 mostram os efeitos marginais relativos ao modelo logit para as duas gradações de sentimento, segurança urbana e insegurança urbana. Tomando a variável DRaça como referência, os valores encontrados indicam que o fato de o indivíduo

ser de cor negra ou parda aumenta em 2,84% a probabilidade de o indivíduo experimentar segurança urbana, conseqüentemente, a possibilidade de se tornar vítima aumenta.

Outra constatação importante é de que, conforme a variável Dbrasil, os brasileiros tem 0,38% mais possibilidade de experimentar insegurança urbana do que segurança urbana. Já o a população mexicana tem 0,8% de experimentar segurança urbana em relação a insegurança urbana.

Tabela 5 – Efeitos marginais do modelo logit –Segurança Urbana –
Modelo Delta

	Delta-method					[95% Conf. Interval]
	dy/dx	Std. Err.	t	P> t		
TAMCIUD	.0218432	.0014818	14.74	0.000	.0189387	.0247476
EDAD	-.0019399	.0001927	-10.07	0.000	-.0023176	-.0015621
SEXO	-.0399525	.0064217	-6.22	0.000	-.0525395	-.0273654
P1ST	.0229362	.0074579	3.08	0.002	.0083181	.0375543
P13STGBSB	.0062109	.0034283	1.81	0.070	-.0005088	.0129305
P16NA_05	.0167301	.0068237	2.45	0.014	.0033551	.0301051
P19STA	.0064874	.0041899	1.55	0.122	-.0017252	.0147
P19NC	-.0066596	.0043001	-1.55	0.121	-.0150881	.001769
P19ND	.0069441	.0043821	1.58	0.113	-.0016451	.0155334
P23N_03	.0181863	.0080129	2.27	0.023	.0024804	.0338922
P47STJ	.0137832	.0037256	3.70	0.000	.0064807	.0210857
P47STM	-.0456515	.0218688	-2.09	0.037	-.0885162	-.0027867
P53N	-.0570362	.0064789	-8.80	0.000	-.0697353	-.044337
P65ST	.19184	.0076945	24.93	0.000	.1767582	.2069218
P66NPN	-.0321417	.0022252	-14.44	0.000	-.0365033	-.0277801
P71STM_07	.0152661	.0028205	5.41	0.000	.0097377	.0207945
P75NPN_05	.0129378	.0046084	2.81	0.005	.003905	.0219706
P75NPN_09	.0206121	.007636	2.70	0.007	.0056449	.0355793
S1	-.0085272	.0033776	-2.52	0.012	-.0151476	-.0019067
S2	.0357424	.0064779	5.52	0.000	.0230453	.0484396
S3	-.0032133	.0014658	-2.19	0.028	-.0060863	-.0003402
S21	.0445343	.0263082	1.69	0.091	-.0070319	.0961005
DRaça	.0310925	.0082495	3.77	0.000	.0149229	.0472621
Dargentina	.2218845	.0152048	14.59	0.000	.1920819	.2516871
DBrasil	.032293	.0137612	2.35	0.019	.0053198	.0592661
Dchile	-.0250189	.0142268	-1.76	0.079	-.0529046	.0028667
Dmexico	.153726	.0133995	11.47	0.000	.1274619	.17999
Duruguai	.0890481	.0144034	6.18	0.000	.0608162	.1172801

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 6 – Efeitos marginais do modelo logit – Insegurança Urbana – Modelo Delta

	Delta-method					[95% Conf. Interval]	
	dy/dx	Std. Err.	z	P> z			
TAMCIUD	.0246249	.0016608	14.83	0.000	.0213698	.02788	
EDAD	-.0022059	.0002115	-10.43	0.000	-.0026205	-.0017914	
SEXO	-.0450253	.0068141	-6.61	0.000	-.0583807	-.0316699	
P1ST	.0232955	.0078468	2.97	0.003	.0079159	.038675	
P13STGBSB	.0071689	.0037388	1.92	0.055	-.000159	.0144968	
P16NA_05	.0176004	.0071247	2.47	0.013	.0036362	.0315646	
P19STA	.0084855	.0045873	1.85	0.064	-.0005054	.0174764	
P19NC	-.0074743	.0046277	-1.62	0.106	-.0165444	.0015958	
P19ND	.0071083	.0047855	1.49	0.137	-.0022712	.0164877	
P23N_03	.0192707	.0085688	2.25	0.025	.0024762	.0360651	
P47STJ	.0137779	.0040938	3.37	0.001	.0057543	.0218015	
P47STM	-.068822	.0285256	-2.41	0.016	-.1247311	-.0129129	
P53N	-.0591084	.0068438	-8.64	0.000	-.072522	-.0456947	
P65ST	.2567919	.0097334	26.38	0.000	.2377148	.275869	
P66NPN	-.0349014	.0023238	-15.02	0.000	-.0394559	-.0303469	
P71STM_07	.0170556	.0030466	5.60	0.000	.0110844	.0230268	
P75NPN_05	.018155	.0052649	3.45	0.001	.0078359	.0284741	
P75NPN_09	.017168	.0078248	2.19	0.028	.0018316	.0325043	
S1	-.0105317	.0036693	-2.87	0.004	-.0177234	-.00334	
S2	.0380905	.0070131	5.43	0.000	.0243451	.0518358	
S3	-.0033933	.0015749	-2.15	0.031	-.0064801	-.0003064	
S21	.0517926	.0270254	1.92	0.055	-.0011762	.1047614	
DRaça	.0334993	.0088946	3.77	0.000	.0160662	.0509324	
Dargentina	.2130547	.015161	14.05	0.000	.1833397	.2427696	
DBrasil	.0360017	.0143832	2.50	0.012	.0078111	.0641923	
Dchile	-.0267693	.0151819	-1.76	0.078	-.0565254	.0029867	
Dmexico	.1457522	.013161	11.07	0.000	.1199572	.1715473	
Duruguai	.0977906	.0152949	6.39	0.000	.0678131	.1277681	

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 7 – Efeitos marginais do modelo logit – Insegurança Urbana –
Modelo Delta

	Delta-method					[95% Conf. Interval]	
	dy/dx	Std. Err.	z	P> z			
TAMCIUD	.0230712	.0015348	15.03	0.000	.0200631	.0260793	
EDAD	-.0020668	.0001967	-10.50	0.000	-.0024524	-.0016811	
SEXO	-.0421844	.0063661	-6.63	0.000	-.0546618	-.029707	
P1ST	.0218256	.0073459	2.97	0.003	.0074279	.0362234	
P13STGBSB	.0067166	.0035019	1.92	0.055	-.0001471	.0135803	
P16NA_05	.0164899	.0066722	2.47	0.013	.0034127	.0295671	
P19STA	.0079501	.0042972	1.85	0.064	-.0004722	.0163724	
P19NC	-.0070027	.0043349	-1.62	0.106	-.015499	.0014936	
P19ND	.0066598	.0044827	1.49	0.137	-.0021262	.0154458	
P23N_03	.0180548	.0080248	2.25	0.024	.0023265	.0337831	
P47STJ	.0129086	.0038316	3.37	0.001	.0053988	.0204184	
P47STM	-.0644797	.0267211	-2.41	0.016	-.1168522	-.0121072	
P53N	-.0553789	.0063723	-8.69	0.000	-.0678684	-.0428894	
P65ST	.2405897	.0091243	26.37	0.000	.2227064	.2584729	
P66NPN	-.0326993	.0021445	-15.25	0.000	-.0369024	-.0284961	
P71STM_07	.0159795	.0028487	5.61	0.000	.0103962	.0215628	
P75NPN_05	.0170095	.0049309	3.45	0.001	.0073451	.026674	
P75NPN_09	.0160847	.0073267	2.20	0.028	.0017247	.0304448	
S1	-.0098672	.0034363	-2.87	0.004	-.0166022	-.0031321	
S2	.0356871	.0065545	5.44	0.000	.0228405	.0485338	
S3	-.0031792	.0014751	-2.16	0.031	-.0060703	-.000288	
S21	.0485247	.0253152	1.92	0.055	-.0010922	.0981416	
DRaça	.0313856	.0083248	3.77	0.000	.0150694	.0477019	
Dargentina	.199612	.013933	14.33	0.000	.1723038	.2269202	
DBrasil	.0337302	.0134699	2.50	0.012	.0073296	.0601307	
Dchile	-.0250803	.0142212	-1.76	0.078	-.0529534	.0027928	
Dmexico	.136556	.0121812	11.21	0.000	.1126813	.1604307	
Duruguai	.0916205	.0142885	6.41	0.000	.0636155	.1196255	

Fonte: Dados da pesquisa

5 CONCLUSÃO

As pesquisas de vitimização possibilitam a melhoria da eficiência e na racionalidade de políticas de segurança pública que visem ao aumento da eficiência no combate e na prevenção ao crime. Além disso, propõem se subsidiar estatísticas dentro de uma visão ecológica do fenômeno.

Este estudo permite concluir que, de forma geral, as condições socioeconômicas da população de fato afetam a experiência de segurança e insegurança urbana na América Latina. Os dados mostraram que indivíduos do sexo feminino, de cor parda ou negra, possuem probabilidade bem mais elevada de experimentar insegurança urbana.

Estes resultados confirmam assim que a insegurança urbana está relacionada não somente a fatores socioeconômicos, mas também à questões raciais e de gênero.

Essa subnotificação, acredita-se, é causada pela descrença nas instituições jurídicas de seus Estados. Contudo, não cessam aí suas utilidades, pois se defende aqui a compreensão dos elementos que compõem o temor da população em face da violência e um melhor tratamento da questão pode contribuir para a discussão acerca do tema esteja destituída de preconceitos que resumam a violência á delinquência, desconsiderando-se os aspectos geradores dessa violência- como estruturas sociais excludentes e por se só violentas.

O tratamento inadequado da violência afeta a qualidade da percepção dos direitos humanos e de sua defesa, pois, pode gerar um processo de exclusão moral, pelo qual delinquentes e infratores das leis penais” são vistos “como pessoas não apenas destituídas do deiro a ter direitos, mas, mais que isso, também destituídas de humanidade, razão por que poderiam até ser eliminadas sem julgamento.

REFERÊNCIAS

AAKVIK, Arild. **Bounding a matching estimator: the case of a Norwegian training program.** Oxford bulletin of economics and statistics, v. 63, n. 1, p. 115-143, 2001.

ADORNO, Sérgio. **Exclusão socioeconômica e violência urbana.** *Sociologias*, Porto Alegre, n. 8, dez. 2002.

ANETTI, Pedro Henrique et al. **Causas econômicas da sensação de (in) segurança: abordagem do macro e micro ambiente,** 2019

ARAÚJO, D. R. de; SILVA, C. A. T. **Aversão à perda nas decisões de risco.** REPeC - Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade, v. 1, n. 3, art. 3, p. 45-62, 2007.

ARIELY, Dan. **Previsivelmente irracional: as forças ocultas que formam as nossas decisões.** Tradução de Jussara Simões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

ARMANTIER, O.; BOLY, A. **Framing Of Incentives And Effort Provision.** *International Economic Review*, v. 56, n. 3, p. 917–938, 2015.

ATREYA, A.; FERREIRA, S.; ' E. **What drives households to buy flood insurance? New evidence from Georgia.** *Ecological Economics*, v. 117, p. 153–161, 2015.

ÁVILA, Flávia. **A Economia Comportamental: Um novo olhar para o ser humano.** Ano 21, Ed. 98, n. 3, 2015. Disponível em: <<http://www.economiacomportamental.org/nacionais/a-economia-comportamental-espm/>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

BALBINOTTO NETO G. **A teoria econômica do crime.** Revista Leader. n. 35, 2003.

BAUMER, Terry L. **Research on fear of crime in the United States.** *Victimology*, v. 3, n. 3-4, p. 254-264, 1978.

BARRETO, Patrycia Scavello; MACEDO, Marcelo Álvaro da Silva; ALVES, Francisco José dos Santos. **Tomada de decisão e Teoria dos Prospectos em ambiente contábil: Uma análise com foco no efeito framing.** *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 61-79, ago. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/financ/article/viewFile/293/384>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

BAZERMAN, M. H. **Judgment in managerial decision making.** 5. ed. Nova Iorque: Wiley, 2002.

BAZERMAN, M. H.; MOORE, Don, **Judgment in Managerial decision Making.** Traduced Daniel Vieira. Rio de Janeiro. Ed. Elsevier, 2010. 3º reimpressão.

BEATO, C. C. **Crime e cidades**. UFMG. Tese apresentada ao concurso de Professor Titular do Departamento de Sociologia e Antropologia. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2010.

BEATO FILHO, Cláudio Chaves et al. **Percepção de medo no Estado de Minas Gerais**. Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública, 2010

BECCARIA, C. **On Crimes and Punishments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. 177 p. Editado por: Richard Bellamy, Richard Davies, Virginia Cox.

BECCARIA, C. Dei Delitti e Delle Pene. 1764. Traduzido pela editora Martin Claret. São

BECKER, G.S. **Crime and punishment: An economic approach**. Journal of Political Economy, 1968.

BECKER, G. S. **The Economic Approach to Human Behavior**. 1976 p. 44-45.

BECKER, G. S. **Nobel Lecture: The Economic Way of Looking at Behavior**. Journal of Political Economy, v. 101, n. 3, p. 385–409, jun. 1993. ISSN 0022-3808. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2138769>>.

BENTHAM, Jeremy. **An introduction to the Principles of morals and legislation**. In The utilitarians. Ed. Anchor Books. Garden City, 1789.

BECKER, G. **Crime and punishment: an economic approach**. Journal of Political Economy, v.76, p. 169-217, 1968.

BECKER, Sascha O.; CALIENDO, Marco. **Sensitivity analysis for average treatment effects**. The Stata Journal, v. 7, n. 1, p. 71-83, 2007.

BENNETT, Trevor. **Tackling fear of crime**. Home Office Research Bulletin, v. 28, p. 14-19, 1990.

BORGES, Dorian. **Vitimização e sentimento de insegurança no Brasil em 2010: teoria, análise e contexto**. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 18, n. 1, p. 141-163, 2013.

CARBONARI, F.; WILLMAN, A.; LIMA, R. S. **Learning from Latin America: policy trends of crime decline in 10 cities across the region**. Newark: University of Delaware, 2016. Mimeo.

CARDOSO, Gabriela Ribeiro et al. **Percepções sobre a sensação de segurança entre os brasileiros: investigação sobre condicionantes individuais**. Revista Brasileira de Segurança Pública, v. 7, n. 2, 2013.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência 2019**, 2019.

CERQUEIRA, D. et al. **Indicadores multidimensionais de educação e homicídios nos territórios focalizados pelo Pacto Nacional pela Redução de Homicídios**. Nota Técnica, n. 18. Brasília: IPEA, maio.

SILVA CIRÍACO, Juliane da; SOUSA, Cinthia Barbosa; NETO, Paulo de Melo Jorge. Determinantes do medo do crime no Ceará EM 2009: Uma análise do efeito da vitimização direta. **XIV Encontro de Economia do Ceará em Debate, 2018**

CONKLIN, John E. **The impact of crime**. New York: Macmillan, 1975.

CHINO, Andrea; MEALLI, Fabrizia; NANNICINI, Tommaso. **From temporary help jobs to permanent employment: what can we learn from matching estimators and their sensitivity?**. Journal of applied econometrics, v. 23, n. 3, p. 305-327, 2008.

FAJNZYLBER, Pablo; ARAUJO JÚNIOR, Ari. **Violência e criminalidade**. Belo Horizonte: Texto para Discussão, nº 162, 2001.

FARRALL, Stephen; GRAY, Emily; JACKSON, Jonathan. **Theorising the fear of crime: The cultural and social significance of insecurities about crime**. Experience & expression in the fear of crime working paper, n. 5, 2007.

FRATTARI, Najla Franco. **Insegurança: as práticas e discursos do medo na cidade de Goiânia**: as práticas e discursos do medo na cidade de Goiânia. Orientador: Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza. 2009. 193 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia, 2009.

FERRARO, Kenneth F. **Fear of crime: Interpreting victimization risk**. SUNY press, 1995.

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo, 2015.

GATES, Lauren B.; ROHE, William M. **Fear and reactions to crime: A revised model**. **Urban Affairs Quarterly**, v. 22, n. 3, p. 425-453, 1987.

GUJARATI, D.N.; PORTER, D.C. **Econometria básica**. 5ª edição, Porto Alegre: AMGH, 2006.

GAMBI, M. O. Costos del delito según el método contable: un estudio comparado de los casos de Chile, Costa Rica, Honduras, Paraguay y Uruguay. In: JAITMAN, L. (Ed.). **Los costos del crimen y la violencia en el bienestar de America Latina**. Washington, DC: Banco Interamericano de Desarrollo, 2016.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IPEA; FBSP. 2016. **Atlas da Violência**. Nota Técnica 17. Brasília: IPEA

INFORME LATINOBARÓMETRO 2020. Corporación Latinobarómetro. 2020. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>.

KILLIAS, Martin. Vulnerability: **Towards a better understanding of a key variable in the genesis of fear of crime**. Violence and victims, v. 5, n. 2, p. 97-108, 1990.

LAPOP - Latin American Public Opinion Project. **The political culture of democracy in**

the Americas: democratic governance accross 10 years of the Americas barometer. Nashville, TN: Vanderbilt University, 2015.

LEÃO, Carlos; CUNHA FRANCO, Michele. Percepção de risco e sentimento de insegurança. **Violência urbana em Goiás: práticas e representações**, v. 1, n. 1, 2011.

LEWIS, Dan A.; SALEM, Greta. **Community crime prevention: An analysis of a developing strategy.** Crime & Delinquency, v. 27, n. 3, p. 405-421, 1981.

LIMA, R. S.et al. **Relatório de Consultoria para o Banco Mundial.** Brasília, 2016. Mimeo.

MADDALA, G. S. **Limited-Dependent and Qualitative Variables in Econometrics.** Cambridge University Press, 1983.

PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. L. **Econometria: Modelos e previsões.** Editora Campus, São Paulo, 2004.

SKOGAN, Wesley G.; MAXFIELD, Michael G. **Coping with crime: Individual and neighborhood reactions.** Beverly Hills, CA: Sage Publications, 1981.

UNODC - **United Nations Office on Drugs and Crime. Global Study on Homicide 2019: trends, context, data.** Vienna, Austria: UNODC, 2019.

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O estudante Anna Flávia Menezes Moreira, do Curso de Ciências Econômicas, matrícula 2018.1.0021.0041-1, telefone: (62) 99214-0382, e-mail: annaflavia_m@hotmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Análise da violência urbana na América Latina – Aplicação do modelo logit, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SNS); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 02 de junho de 2022.

Assinatura do(s) autor(es): Anna Flávia Menezes Moreira

Nome completo do autor: Anna Flávia Menezes Moreira

Assinatura do professor- orientador: Carlos Leão

Nome completo do professor-orientador: Carlos Leão

DECLARAÇÃO DE APTIDÃO DO TCC

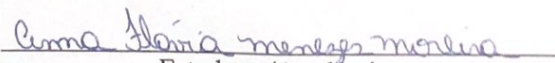
Declaro, para os devidos fins, que a estudante, **Anna Flávia Menezes Moreira** matrícula: 2018.1.0021.0041-1, regularmente matriculado no 8º semestre letivo do Curso de Ciências Econômicas, no turno noturno, da Escola de Direito, Negócios e Comunicação, ESTÁ APTA, a apresentar e submeter seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), conforme disposto no Regulamento Geral Dos Trabalhos de Conclusão Dos Cursos De Graduação (TCC) em banca para avaliação.

Goiânia, 02 de junho de 2022.



Professor/Orientador

Ciente:



Estudante/Acadêmico